

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

BOLETIM GEOCORRENTE

ISSN 2446-7014



“MILAN” 2024: Todos os caminhos levam ao Índico

ESTE E OUTROS 11 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

BOLETIM GEOCORRENTE

Nº 198 • 15 de março de 2024

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica e da Oceanopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Além disso, conta com a seção "Temas Especiais", tratando sobre assuntos latentes das relações internacionais.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

Capa: [Frota Naval Indiana](#)

Por: Michael Scalet

Fonte: Flickr

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.
Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca – CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil
TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do Boletim Geocorrente, em português e inglês, poderão ser encontradas na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

O NAC também está no [LinkedIn](#), acompanhem nossas postagens.

CONSELHO EDITORIAL

DIRETOR DA EGN

Contra-Almirante Gustavo Calero Garriga Pires

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

Contra-Almirante (RM1) Marcio Magno de Farias Franco e Silva

EDITOR CHEFE

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Leonardo F. de Mattos (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

Prof. Dr. Rafael Zelesco Baretto (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Noele de Freitas Peigo (Facamp)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Pedro Nobre Vecchia (UFRJ)

TRADUÇÃO

Lucas Salles Pithon Macedo (UFRJ)



ÁFRICA SUBSAARIANA

Carolina Vasconcelos de Oliveira Silva (PUC-Rio)
Franco Napoleão A. de Alencastro Guimarães (PUC-Rio)
Isadora Jacques de Jesus (UFRJ)
João Victor Marques Cardoso (UNIRIO)
José Ricardo de Oliveira Araujo (UFRJ)
Luísa Barbosa Azevedo (UFRJ)
Mariana Bastos Fraguito (UFRJ)
Nicole Eduarte Silva Chifunga (UFF)
Vanessa Passos Bandeira de Sousa (ESG)

AMÉRICA DO SUL

Bruna da Silveira Eloy (UFRJ)
Fernanda Carvalho Calado Coutinho (UFF)
Gabriel Augusto Almeida da Silva (UFRJ)
Luciano Veneu Terra (UFF)
Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Univ. de Santiago)
Rafael Henrique de Almeida Bandeira Araujo (UFRJ)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Gabriel Paradela Heil (UFRJ)
Kaike Ferreira Mota (UFRJ)
Taynah Pires Ferreira (UFRJ)
Victor Cabral Ribeiro (PUC-Rio)
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Gabriela Paulucci da Hora Viana (UFRJ)
Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)
Jayanne Balbino Soares (UFF)

EUROPA

Guilherme Francisco Pagliares de Carvalho (UFF)
Maria Victoria R. Scarlatelli de Menezes (PUC-Rio)
Marina Autran Caldas Bonny (UFRJ)
Millene Sousa dos Santos (UFRJ)
Rafaela Caporazzo de Faria (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

João Pedro Ribeiro Grilo Cuquejo (Kobe University)
Marcelle Torres Alves Okuno (EGN)
Maria Eduarda Araújo Castanho Parracho (UERJ)
Philippe Alexandre Junqueira (UERJ)
Rodrigo Abreu de Barcellos Ribeiro (UFF)
Thomas Dias Placido (UFSC)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Amanda Neves Leal Marini (ECEME)
João Gabriel Fischer Morais Rego (ECEME)
Maria Clara Vieira Schneider Vianna (UFRJ)
Melissa Rossi (Suffolk University)
Pedro Nobre Vecchia (UFRJ)
Vitória de França Fernandes (UFRJ)

RÚSSIA & EX-URSS

Gabriel Willian Duarte Constantino (UFRJ)
José Gabriel de Melo Pires (ECEME)
Luiza Gomes Guitarrari (UFRJ)
Pedro Mendes Martins (ECEME)
Pérsio Glória de Paula (Saint Petersburg University)
Rafael Esteves Gomes (UFRJ)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)
Maria Gabriela Veloso Camelo (PUC-Rio)
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira (UFRJ)
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

SUL DA ÁSIA

Eduardo Araújo Mangureira (PUC-Rio)
Gabriela Siqueira Duarte dos Santos (UFRJ)
Lucas Mitidieri (UFRJ)
Maria Fernanda Császár Lima Ferreira (UFRJ)
Rebeca Vitória Alves Leite (EGN)
Renan Guimarães Canellas de Oliveira (PUC-Rio)

TEMAS ESPECIAIS

Raquel Torrecilha Spiri (UNESP)
Victor Magalhães Longo de Carvalho Motta (UFRJ)

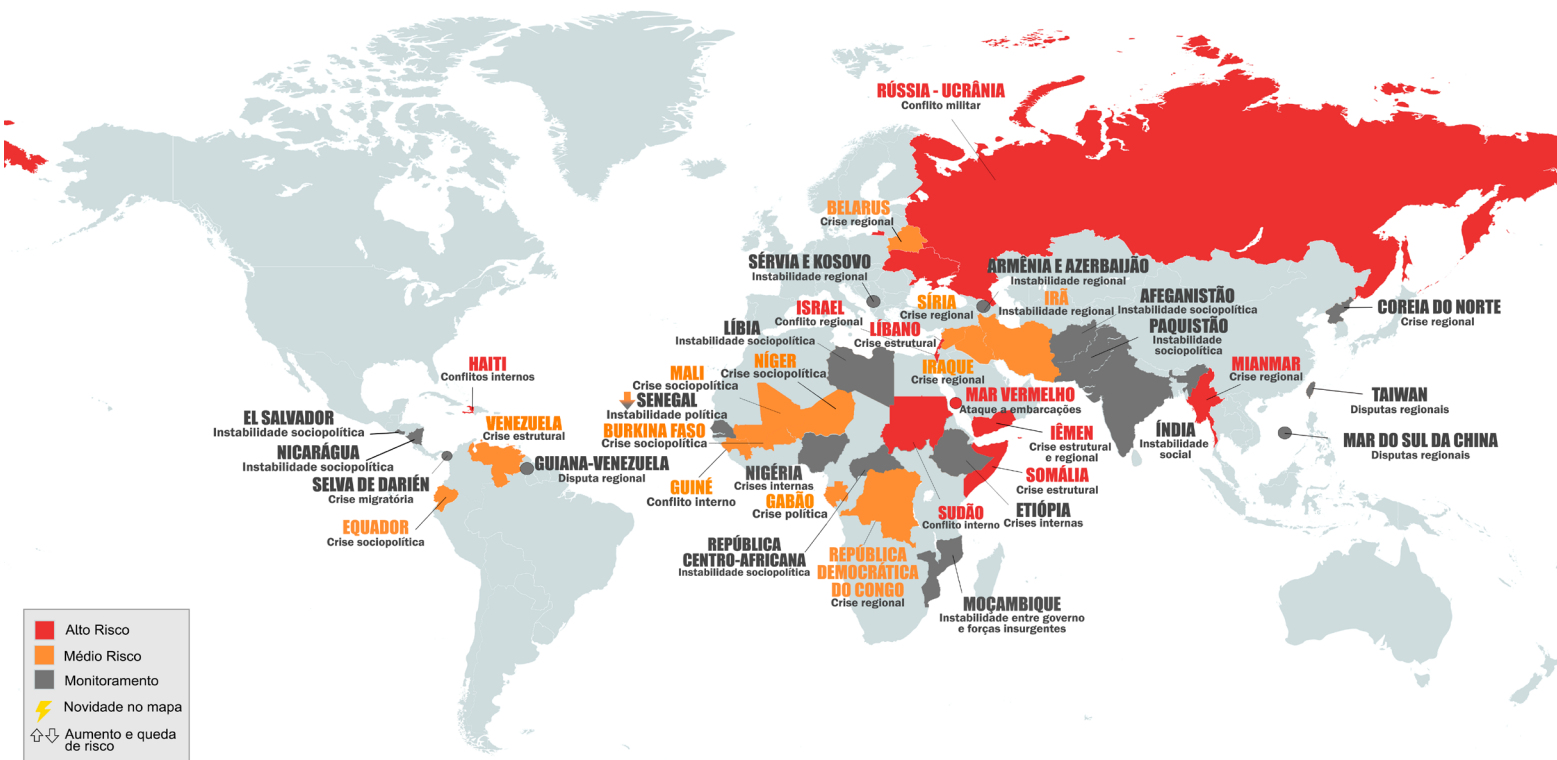


SUMÁRIO

AMÉRICA DO SUL		RÚSSIA & Ex-URSS	
Desafios econômicos e a Defesa Nacional na Argentina.....	5	Os desafios de Oleksandr Syrskiy no Comando das Forças Armadas da Ucrânia	11
AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL		LESTE ASIÁTICO	
Os desafios para a restabilização do Haiti	6	Atuação chinesa na crise do Mar Vermelho	12
Uma nação de migrantes que rejeita migrantes?.....	7	SUL DA ÁSIA	
ÁFRICA SUBSAARIANA		“MILAN” 2024: Todos os caminhos levam ao Índico	
Dar es Salaam versus Mombaça: a disputa pela liderança do comércio marítimo na África Oriental.....	8	SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA	
EUROPA		A Marinha filipina em um dilema: O amanhã ou o agora?.....	
A Conferência de Segurança de Munique e o pessimismo europeu.....	9	ÁRTICO & ANTÁRTICA	
ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA		Rota Marítima Ártica: Navegando em águas congeladas	
O papel dos Emirados Árabes Unidos perante os atuais conflitos internacionais: Ucrânia e Gaza.....	10	Artigos Selecionados & Notícias de Defesa.....	
Fim das hostilidades? As diplomacias de Egito e Turquia se encontram novamente.....	10	Calendário Geocorrente.....	
		Referências.....	
		Mapa de Riscos.....	

PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Por: Kaike Mota



Created with mapchart.net

Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 19

Desafios econômicos e a Defesa Nacional na Argentina

Bruna da Silveira Eloy

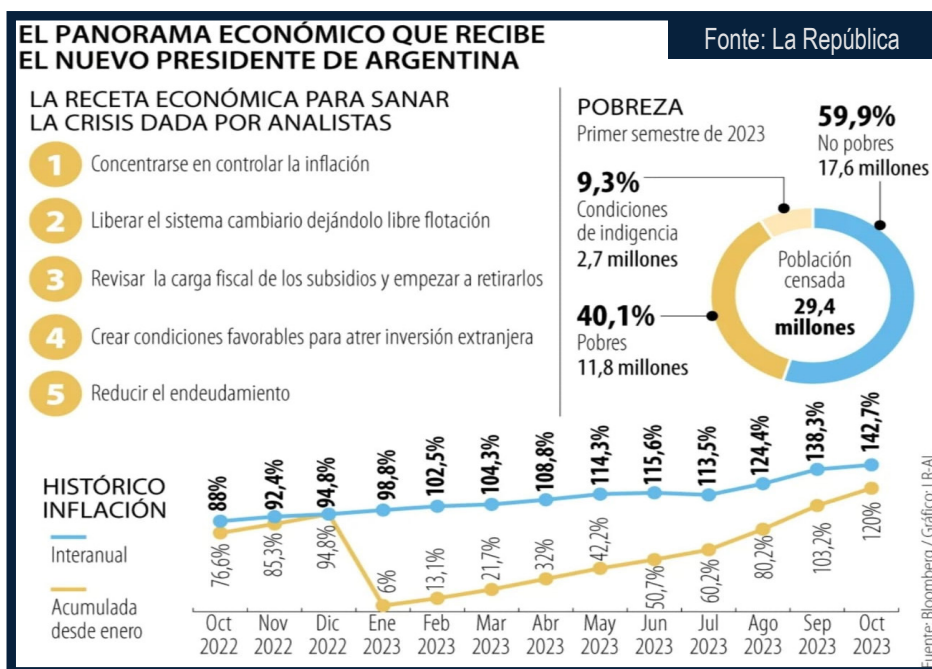
A conjuntura econômica desafiadora enfrentada pela Argentina, com altos índices inflacionários e um crescimento acentuado da taxa de pobreza, suscita também preocupações sobre seu impacto na capacidade de Defesa Nacional. Segundo o Banco Mundial, o país registrou uma inflação anual de 211,4% em 2023, tornando-se o país com o maior escalonamento de preços na América do Sul. Diante disso, questionam-se os impactos econômicos que podem afetar os investimentos no setor militar.

A falta de previsibilidade econômica e a depreciação do peso argentino levam a cortes orçamentários extremos no país, afetando, portanto, a área de Defesa. Essas questões econômicas têm origem em problemas políticos e sociais complexos, como instabilidade política e falta de confiança dos investidores, refletindo em políticas econômicas inconsistentes ao longo do tempo. O presidente Javier Milei adota uma abordagem de livre-mercado e defende a dolarização da economia argentina como solução para conter a inflação e restaurar a estabilidade financeira. No entanto, essa proposta enfrenta resistência e desafios políticos e sociais para sua implementação, considerando-se o histórico de políticas protecionistas e a dependência da própria moeda para políticas monetárias. A dolarização teria implicações significativas para a economia, afetando o acesso ao crédito, os investimentos estrangeiros e o comércio internacional.

No âmbito da Defesa, os cortes orçamentários históricos decorrentes da crise econômica têm impactado

diretamente a capacidade da Argentina de manter e modernizar suas Forças Armadas. A ausência de regulamentação da lei do Fundo de Defesa Nacional (FONDEF, em espanhol) — que visa financiar o processo de reestruturação das Forças Armadas, através da recuperação, modernização e incorporação de materiais essenciais para o funcionamento das instituições militares — permite que os recursos desse fundo sejam alocados de maneira arbitrária. Isso resultou em uma destinação financeira inferior ao estipulado pela legislação que propunha o direcionamento de 0,8% dos ingressos correntes do orçamento nacional para o reequipamento das instituições de Defesa. Em 2024, embora a lei indicasse uma alocação de aproximadamente US\$ 527,6 milhões, apenas US\$ 26,89 milhões foram alocados para o FONDEF. Essa diminuição nos recursos disponíveis para investimentos militares tem gerado atrasos e cancelamentos de projetos de modernização, como a substituição da frota de veículos blindados “M113” do Exército argentino.

Em síntese, a crise política e econômica na Argentina pode impactar diretamente a capacidade operacional de suas Forças Armadas, comprometendo assim sua eficácia na segurança nacional e regional. Os cortes orçamentários e os atrasos em projetos de modernização são desafios iminentes. Contudo, parcerias internacionais, como com o Brasil, China, Estados Unidos e Índia, assim como uma gestão proativa dos recursos militares, podem ser promissoras para o fortalecimento da defesa do país.



DOI 10.21544/2446-7014.n198.p05.

Os desafios para a restabilização do Haiti

Taynah Pires

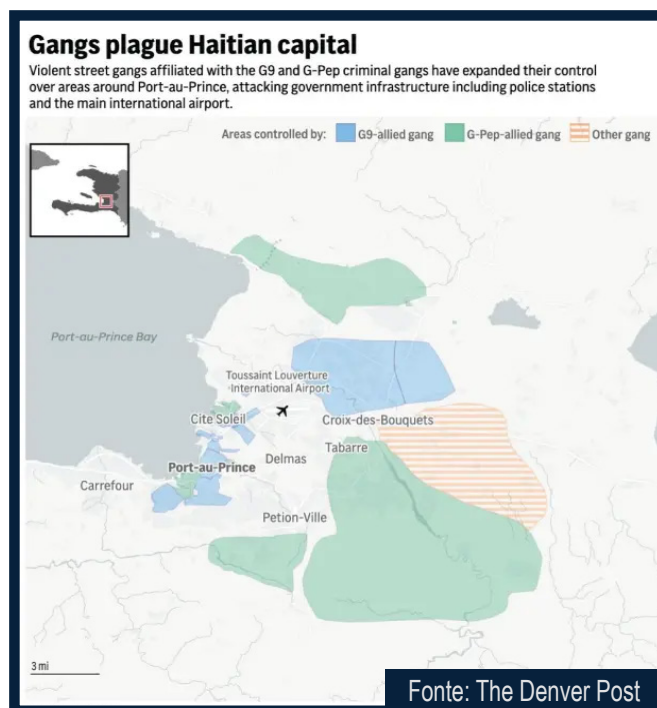
O restabelecimento da ordem política e social no Haiti se mostra complexo, à medida que a crise de segurança se agrava ([Boletim 189](#)). No início de março de 2024, gangues coordenaram ataques conjuntos tendo como alvo as principais infraestruturas críticas do país. Após os atos violentos, o governo haitiano decretou estado de emergência de 30 dias e toque de recolher para seus cidadãos. O escalonamento da crise forçou a renúncia do primeiro-ministro Ariel Henry e a instauração de um conselho presidencial de transição, que será responsável pela eleição de uma nova liderança interina. Tal conjuntura faz suscitar questionamentos quanto às implicações humanitárias da situação e os riscos de uma possível tomada de poder por grupos paramilitares.

O cenário de crise interna do Haiti é proveniente de uma confluência de fatores políticos e econômicos disfuncionais aliados à expansão de atividades criminosas e à falência do aparato de segurança. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de 200 gangues estão em atividade atualmente, possuindo o controle de 80% da capital Porto Príncipe. No âmbito humanitário, a recente onda de violência forçou o deslocamento de 15.000 indivíduos para regiões relativamente mais seguras, agravando ainda mais a crise haitiana, a qual, no ano de 2023, registrou 310 mil deslocados internos ([Boletim 167](#)). O escalonamento do conflito também influencia o aumento dos fluxos migratórios, afetando sobretudo nações vizinhas, como a República Dominicana, que implementou restrições de

travessia pela fronteira entre os dois Estados.

No âmbito político, questiona-se sobre uma possível ascensão política de líderes paramilitares, dada a falência das tentativas do aparato executivo estatal em coibir ações violentas ocasionadas pelo crime organizado. Pontua-se também uma omissão por parte da Comunidade Internacional no que tange à exigência do cumprimento de eleições livres e democráticas, postergadas constantemente após o magnicídio do então primeiro-ministro, Jovenel Moïse ([Boletim 143](#)). O vácuo de poder deixado por tal negligência permitiu uma maior organização estrutural e logística do crime organizado, criando uma janela de oportunidade para expansão do domínio do território haitiano. Vale ressaltar que o potencial bélico e efetivo desses grupos sobrepõem à força de segurança haitiana, dada a falta de investimento governamental. Ao mesmo tempo, o crime organizado obtém divisas financeiras através de suas atividades criminosas e apoio do próprio governo haitiano.

Por fim, a deterioração da segurança pública do Haiti é grave e revela a vulnerabilidade e a incapacidade do Estado em solucionar sua crise interna. Após os ataques, o Conselho de Segurança da ONU se reuniu e expressou preocupação pela situação. As missões diplomáticas, dos Estados Unidos e da União Europeia, iniciaram a evacuação de suas embaixadas no país. Entretanto, as ações da Comunidade Internacional continuam restritas e se mostram insuficientes para auxiliar no restabelecimento político e socioeconômico do Haiti.



DOI 10.21544/2446-7014.n198.p06.

Uma nação de migrantes que rejeita migrantes?

Victor Cabral

Em 2020, os Estados Unidos da América (EUA) eram o lar de 50 milhões de pessoas nascidas fora do país, equivalente a 15,3% de sua população total. Dessa forma, a pauta migratória é constante nas eleições presidenciais, especialmente quando o ex-presidente republicano Donald Trump concorre. Em sua terceira corrida eleitoral, Trump reforça seu discurso anti-migrante e acusa seu opositor democrata e atual presidente, Joe Biden, de ser incapaz de gerir a fronteira e as migrações.

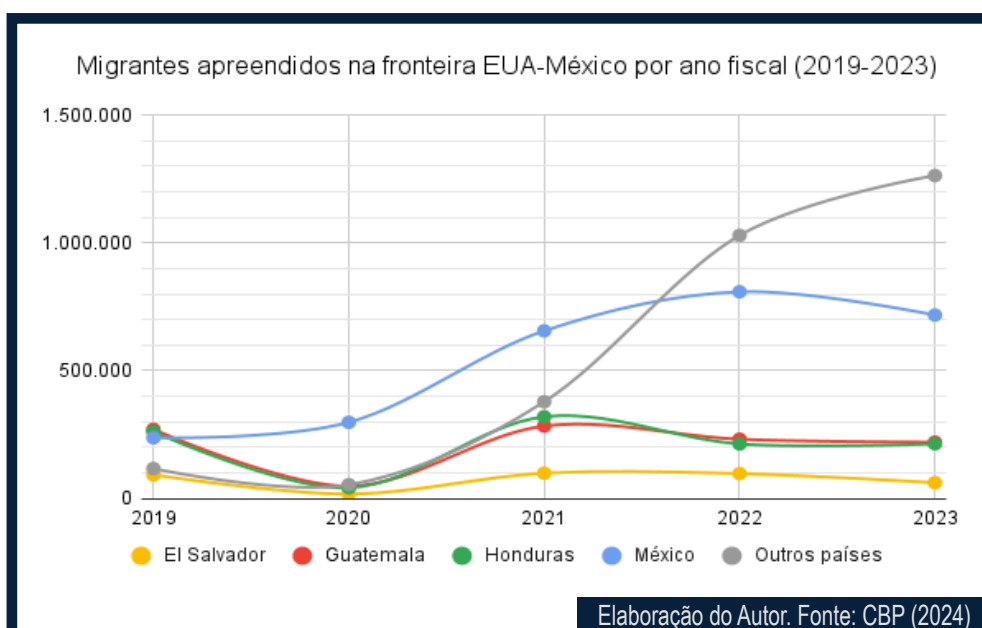
Biden, de fato, encontra desafios nesse tema. Em 2023, 2.475.669 pessoas foram apreendidas por agentes fronteiriços ao cruzarem irregularmente a fronteira EUA-México, com o mês de dezembro marcando o recorde de 300 mil chegadas. Desses indivíduos, 1.212.619 eram oriundos de El Salvador, Guatemala, Honduras e México. Como resposta, em fevereiro de 2024, o Departamento de Estado dos EUA estabeleceu reuniões com o México e a Guatemala para gerir fluxos migratórios, abordar a causa do deslocamento e criar leis migratórias regionais (Boletim 184). Assim, os EUA reforçam um histórico de terceirizar a gestão migratória aos países originários dos migrantes, praticando o que os acadêmicos mexicanos chamam de “externalização de fronteiras”.

A urgência em tratar as causas migratórias, reduzindo pobreza e violência e ampliando acesso à saúde, educação, moradia e emprego de qualidade não é nova, tendo sido

tema da campanha Biden-Harris em 2020. Todavia, as causas seguem inalteradas, com as mudanças climáticas e desastres ambientais reforçando o cenário migratório. O resultado é o constante fluxo de latino-americanos em direção aos EUA.

Em ano eleitoral, os republicanos, interessados em retornar à Casa Branca, instrumentalizam as migrações para agitar a base eleitoral e dominar o debate. Nesse sentido, o governador texano Greg Abbott tornou-se protagonista na disputa entre narrativas. Ele promulgou a lei SB-4, estabelecendo detenção de 20 anos ou deportação ao México a quem cruzasse irregularmente as fronteiras. Em 10 de janeiro, militarizou um parque em Eagle Pass, na fronteira, impedindo o acesso de agentes federais ao Rio Grande, onde existem cercas de arame farpado e boias para deter migrantes (Boletim 195). A Suprema Corte analisará a legalidade das ações de Abbott, pois constitucionalmente a Casa Branca é quem deve gerir fronteiras e lidar com a questão.

O controle migratório é um desejo de republicanos e democratas. Em suas últimas gestões, ambos os partidos focaram em impedir a chegada de migrantes e falharam em seus objetivos pois não trataram seriamente a causa migratória. Os migrantes são novamente instrumentalizados para uma eleição que definirá qual política poderá ser tomada pelos próximos quatro anos.



Dar es Salaam versus Mombaça: a disputa pela liderança do comércio marítimo na África Oriental

José Ricardo Araujo

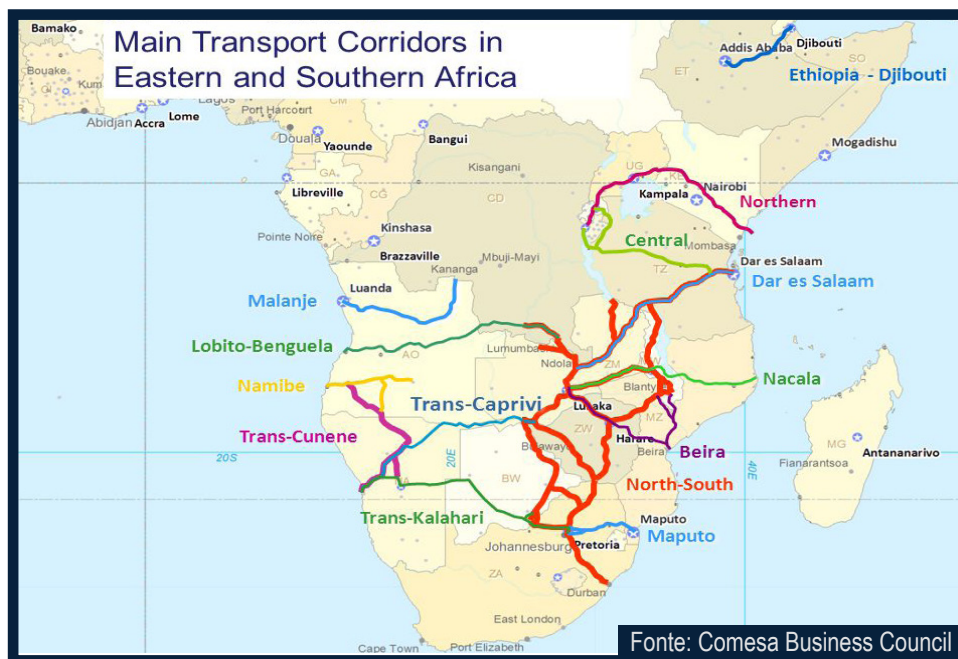
O porto queniano de Mombaça é visto como referência no comércio marítimo, sendo o maior porto da África Oriental em volume de mercadorias. Entretanto, projetos milionários de infraestrutura e articulações com Estados vizinhos e empresas estrangeiras têm aumentado o potencial competitivo do porto tanzaniano de Dar es Salaam. Nesse cenário, qual é a possibilidade de a Tanzânia desbancar o Quênia na liderança do comércio marítimo no leste africano?

No quesito portuário, Mombaça é maior e mais movimentado que Dar es Salaam. Em 2023, o volume de mercadorias movimentadas nesses portos foi de 35,84 e 24 milhões de toneladas, respectivamente. Porém, eles apresentam eficiência similarmente baixa devido a inconformidades operacionais, como gruas subutilizadas. Consequentemente, os governos queniano e tanzaniano vêm se empenhando na implementação de novas tecnologias e em projetos de melhoria de processos, infraestrutura e dragagem para aumentar eficiência e capacidade de sua infraestrutura. Apesar disso, o porto de Dar es Salaam enfrenta problemas no tempo de espera para descarregamento de embarcações, chegando a cinco dias – contrastando com a média de 1,25 de Mombaça. Geralmente, esses congestionamentos em Dar es Salaam levam embarcações a mudar a rota para Mombaça.

Logisticamente, o porto de Mombaça integra o Corredor Norte, abastecendo Quênia, Burundi, o leste da República Democrática do Congo (RDC), Ruanda

e Uganda, enquanto o porto de Dar es Salaam compõe o Corredor Central, abrangendo Tanzânia, Burundi, leste da RDC, Ruanda e Uganda, todos sem saída soberana para o mar Assim, os portos competem por mercado consumidor e, ocasionalmente, a escolha de comercializar por um afeta diretamente o outro. Nessa linha, movimentos tanzanianos recentes aumentaram suas vantagens. Em 2024, o Estado completou o projeto de infraestrutura *Dar es Salaam Maritime Gateway* (DMGP), firmou uma parceria com a empresa arábe-emiradense *DP World* para reduzir seu tempo de descarregamento e negociou com Uganda para transferir suas importações de petróleo de Mombaça para Dar es Salaam. Como resposta, o Quênia vem realizando propostas comerciais aos Estados vizinhos, assim como projetos de melhoria e dragagem para garantir a atratividade de Mombaça.

O resultado dessa competição, portanto, dependerá diretamente da capacidade dos Estados em resolver inconformidades operacionais e fidelizar mercados consumidores. Por exemplo, em 2022, os progressos do DMGP levaram Dar es Salaam a ultrapassar Mombaça em eficiência. Porém, a incapacidade de manter a melhoria operacional frente a um aumento no fluxo de embarcações levou a um congestionamento do porto tanzaniano, fazendo as embarcações preferirem o porto queniano. Conclui-se, assim, que Dar es Salaam, com um plano de ação eficiente, pode representar uma real ameaça a Mombaça.



DOI 10.21544/2446-7014.n198.p08.

A Conferência de Segurança de Munique e o pessimismo europeu

Marina Aufran

A Conferência de Segurança de Munique foi criada em 1963 e acontece anualmente, permitindo a especialistas e políticos construir discussões abertas sobre os principais problemas de segurança atuais. Ocorrido entre 16 e 18 de fevereiro de 2024, o último encontro de líderes contou com a presença de 45 chefes de Estado e foi marcado por um clima mais pessimista quando comparado ao ano anterior, em que a possibilidade de resistência ucraniana apontava para uma possível diminuição da ameaça russa. Considerando-se o destaque do Relatório de Segurança de Munique na situação de perda-perda da região europeia, é necessário entender como o contexto atual contribuiu para essa visão da Europa sobre sua própria segurança.

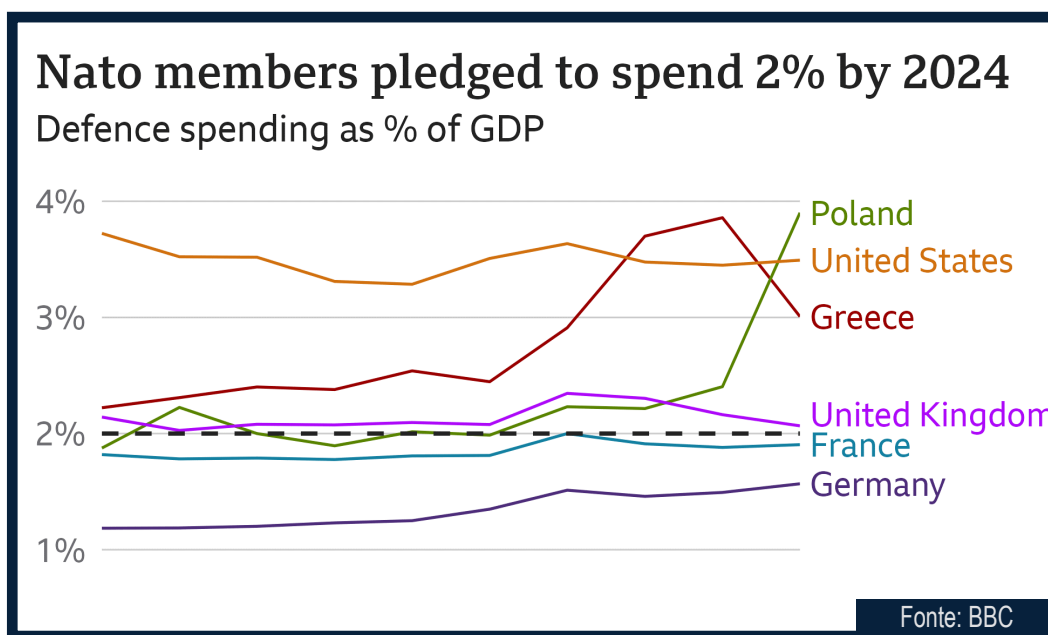
A Conferência se iniciou com o recebimento da notícia da morte de Alexei Navalny, o principal opositor político do atual chefe de Estado russo Vladimir Putin. Além disso, ao longo da semana, o Congresso estadunidense falhou em aprovar o pacote de ajuda suplementar de US\$ 60 bilhões para a Ucrânia. Esses dois acontecimentos mostraram alguns possíveis problemas europeus atuais: o fortalecimento de Moscou e a falta de apoio americano.

Não houve consenso sobre as soluções para as ofensivas russas atuais na Ucrânia, porém destacou-se a necessidade de enviar apoio econômico, militar e humanitário a Kiev, e de a Europa aumentar seus

gastos em Defesa. Contudo, considerando o cenário, as promessas não parecem suficientes. Segundo a *Bloomberg*, a Rússia planeja seu orçamento visando gastar entre 6% e 7% do seu PIB em Defesa em 2024, enquanto a média europeia continua abaixo de 2%.

O futuro da segurança da região demonstra preocupações para além da Rússia, aumentando-se a sensação de pessimismo. A eleição estadunidense em novembro deste ano vai determinar as prioridades dos Estados Unidos (EUA), entre as quais pode não figurar a Europa, dada a intenção declarada de um dos candidatos, o ex-presidente Donald Trump, de diminuir a presença americana na Organização do Tratado do Atlântico Norte. Outros assuntos foram debatidos na conferência e não chegaram a resultados concretos, como uma proposta de resolução para o conflito entre Israel e Hamas e o papel da China como possível ameaça geopolítica para a Europa.

Ao final da conferência, consequentemente, as preocupações eram muito maiores do que as soluções. A mudança de foco para fora da Europa com o início de conflitos mais urgentes em outras partes do mundo alarma os europeus. Mesmo levando-se em conta o velho discurso de autonomia estratégica da Europa, a clara dependência nos EUA mostrou o quão despreparada a região está caso receba menos ajuda.



O papel dos Emirados Árabes Unidos perante os atuais conflitos internacionais: Ucrânia e Gaza*Amanda Marini*

Os Emirados Árabes Unidos (EAU) vêm manifestando uma conduta pragmática em termos de gerência de sua Política Externa ([Boletim 185](#)). Com base nessa postura focada em adotar uma abordagem também multilateral, o país vislumbra alcançar maior protagonismo no âmbito das Relações Internacionais. Isso posto, sob o olhar dessa postura mais pragmática, o objetivo da presente análise é elucidar como o país vem atuando frente aos principais conflitos da atualidade: Rússia-Ucrânia e Israel-Hamas.

Apesar de ser interpretado como aliado dos Estados Unidos, os EAU vêm firmando uma postura de equilibrar as suas relações diplomáticas com vários atores de destaque, como a China e a Rússia. Abu Dhabi construiu boas relações com Moscou, que tiveram ênfase com a votação na Assembleia Geral das Nações Unidas, quando o conflito com Kiev iniciou. Apesar de se posicionar como neutra em seu discurso, Abu Dhabi não realizou, desde a invasão de 2022, qualquer tipo de sanção ao Kremlin, com o qual vem aumentando suas relações econômicas e políticas. Outro aspecto é que, no início de fevereiro, o país árabe mediou a troca e a libertação de duzentos prisioneiros de guerra entre a Rússia e a Ucrânia. Essa foi a terceira tentativa de mediação, e os EAU vêm atuando energicamente, além de já se apresentarem como um

instrumento para conduzir negociações de um possível cessar-fogo entre ambos os lados.

Outro panorama é que, desde o começo do atual conflito Israel-Hamas, o país tem sido cobrado pelos seus vizinhos a se posicionar de maneira mais enfática e, até mesmo, romper as relações diplomáticas com Israel, por ser signatário dos Acordos de Abraão desde 2020 ([Boletim 123](#)). Contudo, à medida que as tensões aumentam em Gaza, os EAU tentam manter uma postura de equidistância: mantêm seus laços com Israel, mas também enviam auxílio, como alimentos e remédios, para o povo palestino. Recentemente, Abu Dhabi criticou as ações israelenses contra a cidade de Rafah. Nesse ensejo, pronunciou-se alegando que é necessário um cessar-fogo humanitário e uma solução para a criação de dois Estados, existindo separadamente e se respeitando.

Apesar de haver consideráveis cálculos e custos políticos, os EAU revelam, por meio dessas ações, que possuem potencial para alcançar a posição de ator de peso nas Relações Internacionais. Todas essas questões corroboram para evidenciar como o país vem atuando pragmaticamente na Política Internacional, e como ele se posiciona de maneira mais independente no que tange ao curso de sua Política Externa.

DOI 10.21544/2446-7014.n198.p10.

Fim das hostilidades? As diplomacias de Egito e Turquia se encontram novamente*Vitória França*

Após uma década de tensões diplomáticas entre Turquia e Egito — devido a oposições políticas turcas e protestos públicos contra a derrubada do ex-presidente egípcio, Mohamed Morsi ([Boletim 2](#)) —, uma tendência de reaproximação tem sido evidente nos últimos dois anos. No último dia 14 de fevereiro, o presidente turco, Recep Tayyip Erdoğan, e o seu homólogo egípcio, Abdel Fattah al-Sisi, reuniram-se no Cairo, marcando a primeira visita de Erdoğan ao Egito desde 2012. A visita coincide com os atuais movimentos regionais e globais turcos, na busca pelo aumento de seu peso geopolítico. Assim, este artigo busca questionar quais as implicações geopolíticas estratégicas da reaproximação para a Turquia.

Regionalmente, países desde o Golfo até a Líbia e desde o Sudão até a Palestina são diretamente afetados pelo potencial regional que a Turquia pode ter a partir dessa aproximação. Nesse sentido, a busca por uma

resolução no conflito em Gaza tornou-se fio condutor da retórica do encontro entre os presidentes egípcio e turco. A reconciliação entre al-Sisi e Erdoğan também oferece uma oportunidade para estabelecer ideais partilhados sobre o conflito em curso na Líbia ([Boletim 115](#)), que persiste há quase dez anos, oferecendo a possibilidade de uma resolução para os desafios no país e demonstrando o importante papel de Ancara na questão. Além disso, o diálogo egípcio-turco também possibilita a ambas as partes explorar estratégias para a resolução de conflitos na África, particularmente no Sudão, onde a Turquia tem interesse em estabelecer uma base naval.

Para Ancara, estrategicamente, além dos setores diplomático, militar e industrial — com a venda de armamentos, drones e tecnologia —, a colaboração no setor energético no Mediterrâneo Oriental pode ser considerada ponto-chave na aproximação com o Egito. Atualmente, o principal objetivo turco em sua política

externa tem sido melhorar sua segurança energética por meio do alargamento e do reforço da sua rede de fornecedores de energia. Em 2022, o país ficou em 16º lugar no consumo energético primário a nível mundial, consumindo mais do que economias como Austrália, Espanha e Itália. Porém, o país ainda possui um grande problema de dependência externa, que tem aumentado consideravelmente nas últimas duas décadas.

Portanto, o potencial para o florescimento das relações entre Egito e Turquia reside na promoção da cooperação energética e, por consequência, econômica, na adoção de uma abordagem construtiva regional. Além disso, a partir de uma estratégia geopolítica mais ampla, a Turquia reforça seu *status* como potência diplomática regional com base na sua posição geográfica e nas suas ligações externas.



DOI 10.21544/2446-7014.n198.p10-11.

RÚSSIA & EX-URSS

Os desafios de Oleksandr Syrskyi no Comando das Forças Armadas da Ucrânia

Pedro Martins

No dia 08 de fevereiro, Volodymyr Zelensky anunciou a demissão de Valerii Zaluzhnyi do cargo de Comandante em Chefe das Forças Armadas da Ucrânia, assim como de vários outros membros da cúpula das Forças Armadas (FA). Para seu lugar, Zelensky nomeou Oleksandr Syrskyi, o que representa uma das maiores mudanças no governo desde que o conflito russo-ucraniano começou. Assim, quais são os principais desafios da nova liderança das FA da Ucrânia?

Essa decisão acontece após uma série de desentendimentos entre Volodymyr Zelensky e Valerii Zaluzhnyi. Em novembro de 2023, durante uma entrevista à revista *The Economist*, Zaluzhnyi afirmou que o conflito na linha de frente havia alcançado um

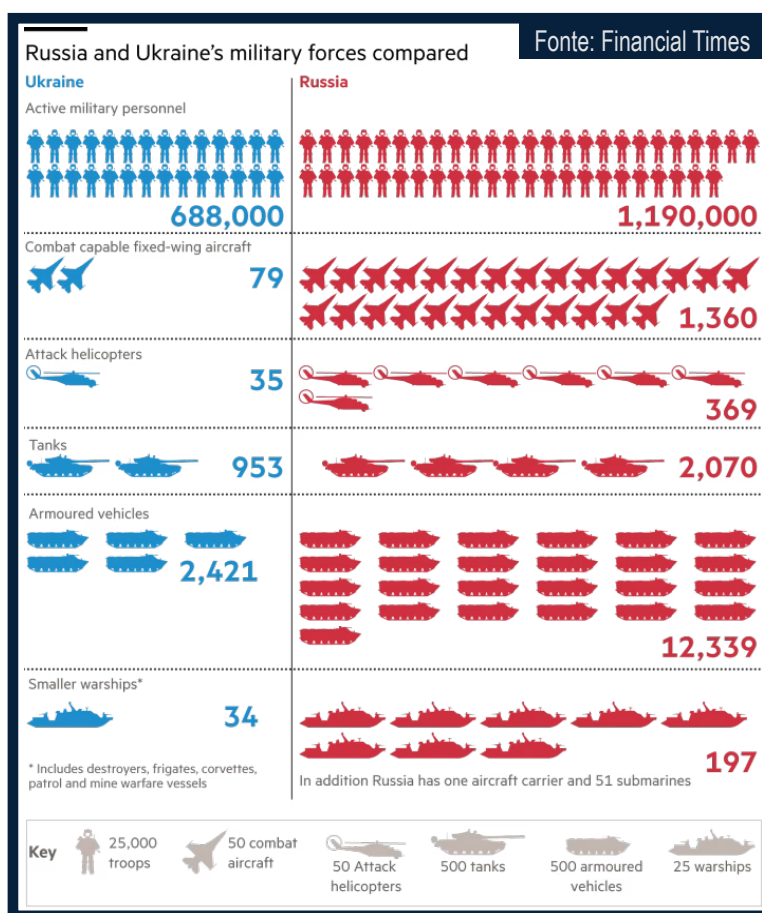
impasse porque as forças ucranianas enfrentavam uma forte defesa montada pelas forças russas. Na ocasião, ele ainda afirmou que o conflito se prolongaria em um “equilíbrio de destruição e [em] perdas devastadoras”. As tensões entre os dois continuaram a aumentar quando o então Comandante em Chefe quis realizar mais uma leva de mobilização militar, de cerca de 500 mil ucranianos, o que foi negado por Zelensky pelos custos financeiros e pelo temor de que a medida provocaria protestos.

A nova cúpula das FA ucranianas deverá lidar com os problemas pré-existentes da gestão anterior, a saber: (a) garantir a continuidade do apoio ocidental e (b) expulsar as forças russas do país. No entanto, ele enfrenta um

cenário doméstico e internacional muito mais delicado, que irá dificultar a realização desses objetivos. Primeiro, a Ucrânia tem tido dificuldades de manter o apoio ocidental, sobretudo dos Estados Unidos (EUA), uma vez que membros do partido republicano têm barrado sucessivos pacotes de ajuda à Ucrânia no Congresso dos EUA por conta de disputas internas com a administração Biden. Ainda, existe o temor de que esse quadro irá piorar com um possível retorno dos republicanos ao poder nas eleições de novembro de 2024. Em segundo lugar, ambos os eventos anteriores acabam agravando uma situação desfavorável no campo de batalha, onde

as forças russas conseguiram não apenas segurar a contraofensiva ucraniana, mas avançar sob as cidades de Avdeevka e Marinka, colocando mais pressão sobre as FA ucranianas e sobre a administração Zelensky.

Nesse sentido, os eventos que levaram à renovação de toda a cúpula das FA ucranianas foram os de maior importância política desde o início do conflito. Assim, os novos integrantes da cúpula das Forças Armadas da Ucrânia precisarão enfrentar desafios de grande magnitude para que o ano de 2024 termine de forma mais positiva para Kiev.



DOI 10.21544/2446-7014.n198.p11-12.

LESTE ASIÁTICO

Atuação chinesa na crise do Mar Vermelho

Maria Eduarda Parracho

Em meio à contraofensiva israelense em Gaza, o grupo Houthi, pertencente ao chamado “Eixo de Resistência” iemenita, vem promovendo ataques a embarcações comerciais no Mar Vermelho, gerando grandes prejuízos financeiros e instabilidade para o comércio internacional ([Boletim 195](#)). A China, apesar de estar sendo extremamente afetada economicamente,

encara os ataques como uma crise que deve ser resolvida diplomaticamente. Em meio à criação de coalizões militarizadas e às pressões do Ocidente, quais são as possíveis razões para a não participação chinesa nas ofensivas?

A crise de insegurança na região vem obrigando diversas companhias de navegação a desviar suas frotas

para a rota do Cabo da Boa Esperança, na África do Sul. Esse fato afeta diretamente a economia de Pequim: aproximadamente 67% das exportações entre China e Europa são realizadas pelo Mar Vermelho e, devido à alteração da rota, muitas das viagens em direção à Europa aumentaram em cerca de dez dias.

Ainda assim, a China não aparenta ter intenção em ingressar em iniciativas militarizadas para defender seus interesses no Mar Vermelho. O país resiste em entrar na coalizão multinacional *Defeat Houthi Attack in Red Sea Area* — que é liderada pelos Estados Unidos e conta com a participação de mais de 10 nações — o que contribui para ser vista pela comunidade política, principalmente a estadunidense, como um ator *free rider* na crise. Acredita-se que Pequim usufrua da securitização do Mar para movimentar seu comércio, sem apoiar os países ocidentais, que vêm investindo seus recursos militares estratégicos na região.

Apesar da difusão dessa retórica, vale destacar que a postura chinesa diante dessa crise é reflexo de seus princípios de “coexistência pacífica”. Um dos cerne dessa abordagem é a não intervenção nos assuntos internos

dos outros países; assim, embora condene a atuação do grupo iemenita, o Ministério das Relações Exteriores chinês declara que busca o desenvolvimento de caminhos diplomáticos para solucionar a questão.

O Ocidente acredita que a China teria papel central no cenário por pressionar o Irã, principal financiador dos houthis. No último ano, Pequim e Teerã consolidaram uma parceria estratégica voltada sobretudo ao setor energético, fato que culminou com 90% da produção petrolífera iraniana sendo consumida pelos chineses em 2023. Por isso, o esforço de Pequim em pressionar pelo não financiamento iraniano ao grupo iemenita tem se mostrado uma maneira de salvaguardar especialmente navios envolvidos com o comércio chinês.

Portanto, apesar de ser um dos países mais afetados pelas tensões no Mar Vermelho, a China não está disposta a abdicar de seus princípios de Política Externa ou de parcerias estratégicas locais para ceder à agenda ocidental de segurança na região. Entretanto, com os prejuízos crescentes da atuação dos houthis, ficam em aberto as próximas ações de Pequim em meio à crise.



“MILAN” 2024: Todos os caminhos levam ao Índico

Renan Guimarães Canellas de Oliveira

No final de fevereiro de 2024, ocorreu na cidade de Visakhapatnam, no litoral do Oceano Índico, a 13ª edição do “MILAN”, Exercício Naval Multilateral bianual organizado e sediado desde 1995 pela Índia. O exercício combinado visa aprimorar a interação profissional entre Marinhas, impulsionar habilidades operacionais, promover melhor interoperabilidade e incentivar a troca de melhores práticas e procedimentos. Nesse sentido, torna-se importante examinar: como o “MILAN” se alinha aos interesses estratégicos do Governo indiano?

Tendo em vista o complexo contexto geopolítico de crescente rivalidade sino-indiana e o avanço da Índia como uma potência econômica e militar, o exercício naval pode ser entendido como um evento-chave para o país. Em termos diplomáticos, este se coloca como uma importante plataforma para negociações bilaterais, já que Marinhas de países como Estados Unidos, França, Irã, Itália e Rússia têm a oportunidade de se reunir em um ambiente menos formal. Além disso, o “MILAN”, ao receber mais de 50 países, traz legitimidade e prestígio para as Forças Armadas indianas, garantindo assim um papel de liderança na região, principalmente em relação à contenção chinesa.

Para além da questão diplomática, o exercício serve também como uma demonstração não somente das capacidades militares indianas, mas também de suas

capacidades tecnológicas e de inovação. Parte da força militar de sua Marinha foi exibida no evento, destacando-se o país como ator com crescente influência no domínio marítimo, principalmente no que diz respeito aos avanços e à inovação da indústria de defesa. O exercício aconteceu em um importante momento de modernização das Forças Armadas indianas ([Boletim 195](#)), que tem como cerne o fortalecimento da indústria nacional; durante o evento, este setor obteve bastante destaque e pôde reiterar sua posição enquanto fornecedor de embarcações navais para outros países.

Nota-se, portanto, que a 13ª edição do “MILAN” representa um marco significativo no cenário geopolítico global, especialmente em relação aos interesses estratégicos da Índia. Tendo como principal objetivo aprimorar a interação profissional entre Marinhas parceiras e obter experiência em operações multilaterais de grande complexidade, a edição deste ano foi o maior exercício naval internacional da história da Índia. Ao alinhar-se aos interesses geopolíticos do Governo indiano, o “MILAN” não só proporcionou um ambiente propício para negociações bilaterais e demonstrou as capacidades militares e tecnológicas do país, mas também consolidou sua posição como uma potência emergente na indústria naval global.



Fonte: MILAN - 2024

A Marinha filipina em um dilema: O amanhã ou o agora?

Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira

No início de fevereiro, o presidente Ferdinand Marcos Jr. deu sinal verde para iniciar a terceira e última fase do *AFP Modernization Program*, das Forças Armadas filipinas. Denominada *re-horizon 3*, essa etapa contará com um orçamento estipulado em US\$ 35,65 bilhões a ser gastos ao longo dos próximos dez anos.

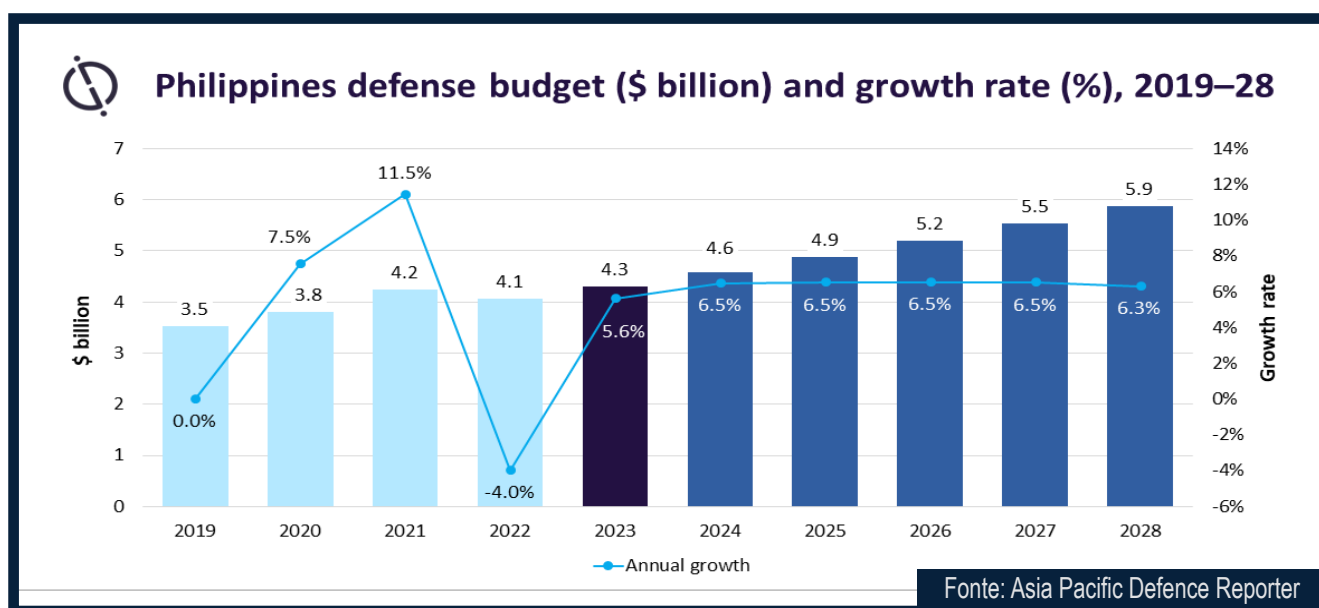
O então programa original, *Horizon 3*, passou por atrasos para ser colocado em prática. Contudo, alguns veículos de imprensa apontam que os últimos meses de 2023 — com diversos episódios de agressões a embarcações filipinas pela China — colaboraram para acelerar a tomada de decisão pela implementação da etapa e a finalização do programa. Essa última fase foi reestruturada para atender às necessidades mais imediatas do país, assim, o foco das aquisições será aprimorar o domínio de capacidade de vigilância, inteligência e conectividade.

Os submarinos são ativos de grande interesse para a marinha filipina, a qual já confirmou a construção de mais um, segundo o porta-voz oficial. Porém, como abordado no [Boletim 185](#), o país asiático lidará com questões técnicas e orçamentárias complexas: a produção de um submarino, sobretudo para um país que nunca operou uma embarcação do tipo, passa por um longo período não só de construção, mas também de adestramento de pessoal para sua operação e manutenção. Ainda, outro fator complicador é que o país pretende construir sua

própria base de submarinos, o que demanda ainda maior capacitação técnica e desenvolvimento tecnológico. Essa decisão, embora importante e crucial a longo prazo, consome uma grande capacidade de recursos humanos que poderiam ser aplicados de maneiras mais imediatas — algo importante para as Filipinas dada sua situação no Mar do Sul da China e sua posse de uma das esquadras mais fracas da região.

A situação orçamentária também levanta questões. O *AFP Modernization Program* passou por diversos atrasos e cortes de aquisições em função de limitações de orçamento, agravadas com a pandemia de COVID-19. O *The Inquirer* aponta que, para 2024, o Departamento de Defesa Nacional alocou pouco mais de US\$ 715 milhões para o programa, não mencionando se também serão utilizados em dívidas remanescentes ao *Horizon 2*.

Nesse passo, é difícil crer que a meta de US\$ 35,65 bilhões será alcançada, mesmo em dez anos. Além dos submarinos, há a previsão para aquisição de aeronaves, outras embarcações e radares — equipamentos estes que serão colocados para operação em uma velocidade muito maior. Há um dilema se formando: garantir o orçamento para ativos que serão utilizados em dois anos, ou iniciar a construção de submarinos para uso inicial em sete anos? Enquanto isso, Pequim avança sobre o Mar Ocidental das Filipinas.



Rota Marítima Ártica: Navegando em águas congeladas

Jayanne Balbino Soares

É inegável a presença russa na Rota do Mar do Norte (NSR, em inglês), no Ártico. Entre os anos de 2014 e 2022, a NSR testemunhou um crescimento no comércio marítimo, registrando um aumento expressivo, de 755%. Esse fenômeno representa o potencial estratégico da NSR, mas também destaca a crescente importância da região ártica para os russos, com a perspectiva de fortalecer ainda mais sua posição no comércio marítimo internacional por meio da Rota Ártica. Este artigo pretende analisar o Ártico não apenas como uma importante rota marítima para Moscou, mas também como uma via importante para o futuro, destacando os interesses estratégicos e econômicos envolvidos no comércio internacional.

O Oceano Ártico deveria idealmente ser arbitrado pela Comissão de Limites da Plataforma Continental das Nações Unidas. No entanto, a situação é mais complexa, uma vez que os Estados Unidos (EUA), importante ator no Ártico, não ratificaram a Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar. Além disso, a ausência de acordos entre os países suscita preocupações quanto a reivindicações. O acesso ao Ártico pela Rota do Mar do Norte depende da concessão das autoridades russas, o que resulta em uma utilização quase nula da rota por parte de navios ocidentais desde o início do conflito russo-ucraniano. Do outro lado, há discordâncias entre Canadá e EUA sobre as regras de trânsito ao longo da Passagem do Noroeste. Esses desentendimentos adicionam outra camada de complexidade ao transporte

marítimo transártico, refletindo as disputas geopolíticas em jogo.

Os ataques dos Houthis no Mar Vermelho tiveram como consequência uma redução no uso do Canal de Suez por parte de empresas de navegação. Paralelamente, o Canal do Panamá, responsável por conectar os oceanos Atlântico e Pacífico, enfrentou em 2023 uma escassez de água, que reduziu o tráfego de navios, pela diminuição do calado máximo permitido. A despeito disso, o transporte marítimo no Ártico continua a ser desafiador devido a sua sazonalidade e à exigência de preparo operacional para a navegação em águas congeladas, o que torna praticamente insignificante a comparação entre o comércio marítimo e as outras rotas marítimas. Entretanto, em decorrência das mudanças climáticas, é esperado que em breve a Rota Ártica se torne o epicentro da navegação marítima, devido a sua localização geográfica na região euroasiática.

O Ártico está aquecendo quatro vezes mais rápido do que a média global. Isso significa que, à medida que o gelo derrete, os avanços na tecnologia marítima facilitam a navegação na região. O crescente papel do Ártico como uma rota marítima estratégica destaca-se como um fenômeno de grande relevância geopolítica e econômica. Por isso, mesmo diante de sua complexidade previsível, Moscou continuará intensificando o uso da Rota do Norte, enquanto outros atores árticos, como os EUA, intensificam suas presenças e capacidades na região.



- ▶ [Sweden and Finland Add Both Muscle and Risk to NATO](#)
CARNEGIE EUROPE, Sten Rynning.
- ▶ [A Russian Lake: Has the West Ceded the Black Sea to Russia?](#)
CIMSEC, Charles P. (Chuck) Ridgway Jr.
- ▶ [China Outpacing U.S. Defense Industrial Base](#)
CSIS, Seth G. Jones e Alexander Palmer.
- ▶ [The Next Taiwan Crisis Will \(Almost\) Certainly Involve Nuclear Threats](#)
US NAVAL INSTITUTE, James H. Anderson
- ▶ [Perspectiva internacional de la piratería y el terrorismo marítimo. Comparativa, causalidad y motivaciones](#)
INSTITUTO ESPAÑOL DE ESTUDIOS ESTRATÉGICOS, Guillermo Talavera Cejudo

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Clique nas caixas para acessar os links referentes:

Por: José Araujo e Maria Fernanda Császár

MARÇO

Principais eventos de 14 a 31 de março

15-17



RÚSSIA
ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

17-22



MÔNACO
15º ENCONTRO DE INICIATIVA AZUL E SEMANA OCEÂNICA DE MÔNACO

18-29



JAMAICA
29ª ASSEMBLEIA DA AUTORIDADE INTERNACIONAL DOS FUNDOS MARINHOS

21-22



BÉLGICA
CÚPULA DO CONSELHO EUROPEU

21



BÉLGICA
CÚPULA DE ENERGIA NUCLEAR

23



ESLOVÁQUIA
ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

25-04



TAIWAN
EXERCÍCIOS MILITARES DE FOGO REAL COM MÍSSEIS

26-27



FRANÇA
FÓRUM GLOBAL ANTICORRUPÇÃO E INTEGRIDADE DA OCDE

- Desafios econômicos e a Defesa Nacional na Argentina**
 CRIALES, José Pablo. [Javier Milei se enfrenta a una inflación anual en Argentina del 211,4%, superior a la de Venezuela](#). *El País*, 14 fev. 2024. Acesso em: 22 fev. 2024.
 PIÑEIRO, Luis. [Argentina actualiza su presupuesto de Defensa y pone luz sobre algunos datos](#). *Defensa.com*, 18 jan. 2024. Acesso em: 23 fev. 2024.
- Os desafios para restabilização do Haiti**
[Haiti crisis: Is a gang-led coup next?](#) *Al Jazeera*, 05 mar. 2024. Acesso em: 06 mar. 2024.
 ASTIER, Henry; AVAGNINA, Gianluca. [Haiti violence: Haiti gangs demand PM resign after mass jailbreak](#). *BBC News*, 05 mar. 2024. Acesso em: 06 mar. 2024.
- Uma nação de migrantes que rejeita migrantes?**
 JIMÉNEZ, Miguel. [Estados Unidos, México y Guatemala pactan estrechar la cooperación contra la migración ilegal](#). *El País*, 28 fev. 2024. Acesso em: 06 mar. 2024.
[Suprema Corte dos EUA bloqueia temporariamente lei do Texas que permite a detenção de migrantes](#). *O Globo*, 05 mar. 2024. Acesso em: 07 mar. 2024.
- Dar es Salaam versus Mombaça: a disputa pela liderança do comércio marítimo na África Oriental**
[Mombasa, Dar cargo volumes keep rising with competition](#). *The East Africa*, 22 jan. 2024. Acesso em: 24 fev. 2024.
 KUNAMBI, Majid; ZHENG, Hongxing. [Contextual Comparative Analysis of Dar es Salaam and Mombasa Port Performance by Using a Hybrid DEA \(CVA\) Model](#). *Multidisciplinary Digital Publishing Institute*, 02 jan. 2024. Acesso em: 24 fev. 2024.
- Conferência de Segurança de Munique e o pessimismo europeu**
[Caught between Putin and Trump](#). *The Economist*, 22 fev. 2024. Acesso em: 24 fev. 2024.
 FONTAINE, Richard. [Worrywurst at the Munich Security Conference](#). *War on the Rocks*, 19 fev. 2024. Acesso em: 24 fev. 2024.
- O papel dos Emirados Árabes Unidos perante os atuais conflitos internacionais: Ucrânia e Gaza**
[UAE says mediation efforts led to Russia, Ukraine swap of 200 prisoners](#). *Middle East Monitor*, 09 fev. 2024. Acesso em: 19 fev. 2024.
[The UAE's humanitarian aid operation is key to helping Gaza - analysis](#). *The Jerusalem Post*, 04 mar. 2024. Acesso em: 04 mar. 2024.
- Fim de uma década de hostilidades? A diplomacia do Egito e da Turquia se encontram novamente**
 CAFIERO, Giorgio. [Why Egypt and Turkey are ending a decade of tension](#). *The New Arab*, 22 fev. 2024. Acesso em: 24 fev. 2024.
[Primary energy consumption worldwide in 2022, by country](#). *Statista*, 10 jan. 2024. Acesso em: 05 mar. 2024.
- Os desafios de Oleksandr Syrskyyi no Comando das Forças Armadas da Ucrânia**
 MIROVALEV, Mansur. [Ukraine's new army chief is known as the 'butcher'. Can he beat Russia?](#) *Al Jazeera*, 13 fev. 2024. Acesso em: 24 fev. 2024.
 BUTENKO, Victoria; TARASOVA-MARKINA, Daria; CAREY, Andrew & EDWARDS, Christian. [Ukraine: Zelensky fires General Valerii Zaluzhnyi in major shakeup nearly two years into war](#). *CNN*, 08 fev. 2024. Acesso em: 19 fev. 2024.
- Atuação chinesa na crise do Mar Vermelho**
 HAFEZI, Parisa; HAYLEY, Andrew. [Exclusive: China presses Iran to rein in Houthi attacks in Red Sea, sources say](#). *Reuters*, 25 jan. 2024. Acesso em: 20 fev. 2024.
 KINE, Phelim. [US-China meetings fail to produce breakthrough on Red Sea shipping attacks](#). *Político*, 27 jan. 2024. Acesso em: 20 fev. 2024.
- “MILAN” 2024: Todos os caminhos levam ao Índico**
 BUEGER, Christian. [India's new sea power. Reflections from Milan 2024](#). *Christian Buerger*, 24 fev. 2024. Acesso em: 8 mar. 2024.
[Milan 2024: War exercise including 50 Navies kicks off in Vizag](#). *Times of India*, 21 fev. 2024. Acesso em: 8 mar. 2024.
- A Marinha filipina em um dilema: O amanhã ou o agora?**
 ROYANDOYAN, Ramon. [Philippines breaking from its shell with submarine Purchase](#). *Asia Nikkei*. 2 fev. 2024. Acesso em: 23 fev. 2024.
 MAITEM, Jeffrey. [Phillipines confirm that it will acquire submarines](#). *Naval News*. 06 fev. 2024. Acesso em: 23 fev. 2024.
- Rota Marítima Ártica: Navegando em águas congeladas**
[How viable is Arctic shipping?](#). *The Economist*, 18 jan. 2024. Acesso em: 28 jan. 2024
[Arctic Council: Number of ships operating in the Arctic in 2022 by Flag State](#). *Safety4Sea*, 31 jan. 2024. Acesso em: 01 fev. 2024.

O mapa inicial (pág 04) do Boletim foi produzido pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

MAPA DE RISCO

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 04 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência na economia brasileira e o impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Os parâmetros para categorização dos riscos seguem os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas, relevância dos atores envolvidos, repercussão internacional, impacto regional e a possibilidade da escalada de tensões. Após a seleção

dos fenômenos, estes podem ser categorizados em alto risco (vermelho), quando avalia-se grande instabilidade social, política, militar ou econômica; e também, em médio risco (laranja), para principais situações de agravamento de riscos observados. Os países em cinza representam conflitos monitorados; caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

Por: Kaike Mota

► ALTO RISCO:

- HAITI - Conflitos internos: [Why is Haiti so chaotic? Leaders used street gangs to gain power. Then the gangs got stronger.](#) AP News, 10 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.
- IÊMEN - Crise estrutural e regional: [US-led coalition shoots down 15 drones fired by Yemen's Houthis in Red Sea.](#) Al Jazeera, 09 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.
- ISRAEL - Conflito regional: [Israel Strikes Rafah's Tallest Building, Triggering Fears of Larger Assault.](#) VOA News, 09 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.
- LÍBANO - Crise estrutural: [Lebanon: Israeli airstrike kills five people, including three Hezbollah members.](#) Le Monde, 10 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.
- MAR VERMELHO - Ataque a embarcações: [Three killed in Houthi missile attack on cargo ship in Gulf of Aden.](#) BBC, 07 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.
- MIANMAR - Crise regional: [Fears of mass migration from Myanmar as military plans to draft thousands.](#) Al Jazeera, 10 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.
- RÚSSIA E UCRÂNIA - Conflito militar: [Russia's new guided bomb inflicts devastation and heavy casualties on the Ukrainian frontlines.](#) CNN, 10 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.
- SOMÁLIA - Crise estrutural: [Somalia: 50 Al-Shabaab Members Killed in Military Operation.](#) Asharq Al-Awsat, 06 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.
- SUDÃO - Conflito interno: [Sudan Army: No Ramadan Truce Unless RSF Leaves Civilian Sites.](#) VOA News, 11 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.

► MÉDIO RISCO:

- BELARUS - Crise regional: [Belarusian army units undergoing combat readiness test.](#) BelTA, 11 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.
- BURKINA FASO - Crise sociopolítica: [ECOWAS is concerned about increasing terrorism in Burkina Faso.](#) TVC News, 09 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.
- GUINÉ - Conflito interno: [Guinée: les négociations entre le mouvement syndical et le gouvernement bloquées.](#) Mosaïqueguinée Guinée, 11 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.
- EQUADOR - Crise sociopolítica: [Crisis in Ecuador: What you need to know and how to help.](#) International Rescue Committee, 07 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.
- GABÃO - Crise política: [Economic Community of Central African States ends sanctions on Gabon.](#) Business Insider Africa, 11 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.
- IRÃ - Instabilidade regional: [Iran to pursue Israel's expulsion from UN commission on women.](#) Tehran Times, 11 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.

• IRAQUE - Crise regional: [Iraq to Set up Barbed Wire Fence to Secure Border with Iran](#). **Asharq Al-Awsat**, 11 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.

• MALI - Crise sociopolítica: [Russia's Fuel Gift to Help Mali Keep Lights on During Ramadan](#). **Bloomberg**, 08 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.

• NÍGER - Crise sociopolítica: [No Sign of Dialogue Between ECOWAS And Niger Despite End of Sanctions](#). **Voa News**, 11 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.

• REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO - Crise regional: [Dans l'est de la RDC, déplacements continus de populations face au M23](#). **Jeune Afrique**, 10 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.

• SÍRIA - Crise regional: [UN Commission of Inquiry: "Syria, too, desperately needs a ceasefire"](#). **Escritório do Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos**, 11 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.

• VENEZUELA - Crise estrutural: [Venezuela arrests close ally of opposition leader Machado](#). **Reuters**, 09 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.

► EM MONITORAMENTO:

• AFGANISTÃO - Instabilidade sociopolítica: [Afghanistan's economy has 'basically collapsed': UNDP](#). **UN News**, 07 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.

• ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - Crise regional: [Azerbaijan demands Armenia return 4 occupied villages](#). **Daily Sabah**, 10 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.

• COREIA DO NORTE - Crise regional: [China, Japan and South Korea meet as North Korean threat looms](#). **AOL**, 10 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.

• EL SALVADOR - Instabilidade sociopolítica: [El Salvador extends anti-gang emergency decree for 24th time. It's now been in effect for two years](#). **Reuters**, 09 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.

• ETIÓPIA - Crises internas: [Ethiopia's Tigray Region Is Now Peaceful, But Extreme Hunger Afflicts Its Children](#). **VOA News**, 10 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.

• GUIANA-VENEZUELA - Disputa regional: [Will CARICOM join the next US-funded external intervention in the Caribbean?](#). **The Voice**, 10 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.

• ÍNDIA - Instabilidade social: [Manipur violence: SC seeks report from state, CBI, NIA on status of probe](#). **Business Standard**, 11 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.

• LÍBIA - Instabilidade sociopolítica: [Libya to get new unified government, say key leaders](#). **Middle East Monitor**, 11 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.

• MAR DO SUL DA CHINA - Disputas regionais: [South China Sea: energy exploration should not involve countries outside the region, Beijing says](#). **South China Morning Post**, 11 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.

• MOÇAMBIQUE - Instabilidade entre governo e forças insurgentes: [UN Raises Alert for 780,000 People Displaced in Mozambique](#). **VOA News**, 08 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.

• NICARÁGUA - Instabilidade sociopolítica: [Nicaraguan dictatorship wins battle against the Catholic Church, which its has managed to defeat](#). **La Prensa**, 11 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.

• NIGÉRIA - Crises internas: [Nigerian army hunts for kidnapped students, parents seek answers](#). **Reuters**, 11 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.

• PAQUISTÃO - Instabilidade sociopolítica: [The Cabinet of Pakistan's newly-elected Prime Minister Shehbaz Sharif is sworn in](#). **ABC News**, 11 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.

• REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA - Instabilidade sociopolítica: [US issues sanctions on Russian, Central African Republic entities over Wagner ties](#). **AOL**, 08 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.

• SENEGAL - Instabilidade política: [Presidential election campaigns begin ahead of the March 24 vote](#). **Africa News**, 10 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.

• SELVA DE DARIÉN - Crise migratória: [Panama orders MSF to stop treating people who crossed Darién Gap](#). **The Guardian**, 08 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.

• SÉRVIA E KOSOVO - Instabilidade regional: [Dinar ban sparks cash crunch for Kosovo Serbs](#). **France24**, 09 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.

• TAIWAN - Disputas regionais: [China trying to 'normalise' military drills near Taiwan: island's top security official](#). **Reuters**, 10 mar. 2024. Acesso em: 11 mar. 2024.